

ENTREVISTA

Tariq Ramadan Intelectual suíço e professor de Estudos Árabes e Islâmicos

“Populismo é uma ameaça”

Entrevista de **CRISTINA PERES**

Tariq Ramadan é uma autoridade internacional no debate dos temas islâmicos contemporâneos, analisando-os do ponto de vista histórico, acadêmico, social e político. Cidadão suíço é professor nas universidades de Oxford, Qatar, Marrocos e Kyoto. Preside ao *think tank* europeu Rede Muçulmana Europeia (Bruxelas) e estará quinta-feira na Fundação Gulbenkian com a conferência “Desafios políticos e religiosos que enfrentam os muçulmanos europeus”. Ramadan é neto de Hassan al-Banna, o fundador da Irmandade Muçulmana. Falou ao Expresso sobre as suas preocupações, nomeadamente com o crescimento de um populismo anti-islâmico nalguns países europeus.

■ Já o definiram como ponte entre o mundo ocidental e o mundo muçulmano, correndo o risco de ser mal-entendido em ambos. A conferência é sobre isto?
■ Eu sou um europeu e não estou a falar do outro, estou a falar com as pessoas da sociedade à qual pertença. Em vez de falarmos em pontes deveríamos concentrar-nos numa melhor compreensão de nós próprios.

■ Tornou-se particularmente pertinente ter conselheiros como o professor no Reino Unido, após os ataques de julho de 2005. Avançou-se? Onde nos encontramos hoje?

■ Não avançamos nem melhorámos. O mais preocupante que acontece na maioria dos países europeus é a tomada do poder pelos populistas estar a mudar o centro do debate. O alvo passou dos terroristas e extremistas para uma desconfiança abrangente relativamente a todos os que são vistos como não europeus. A agulha mudou dos terroristas para os muçulmanos. Na Suécia, Noruega, Suíça, França, Holanda, Espanha ou Grécia todos os estrangeiros se tornaram alvo dos populistas. E não só, nos Estados Unidos, o Tea Party está a construir a campanha sobre esse argumento. Nos EUA, mais de 70% das pessoas dizem que o Islão é um problema no seio da sociedade norte-americana. Acho que ainda

falamos como se a democracia fosse um problema para os muçulmanos. Ainda perguntamos se o Islão é compatível com a democracia quando a pergunta é: o Ocidente é compatível com justiça global? O Islão é compatível com a dignificação do ser humano? Tem de se parar de falar de cultura para evitar falar de política, parar de falar de respeito para evitar falar de injustiça.

■ O Médio Oriente e a África do Norte mal saíram dos noticiários ao longo deste ano. O facto de os manifestantes pedirem melhores condições de vida, o mesmo que pedem os europeus, permite afirmar que todos queremos o mesmo?

■ A reação teve três fases. A primeira, foi de dúvida e perguntou-se quem estava a liderar os acontecimentos, se eram islamitas? Depois ficou claro que, na Tunísia e no Egito, por trás das manifestações estavam jovens exigindo dignidade e justiça, menos corrupção e sociedades democráticas. Na segunda, di-

zia-se “está bem, são islamitas, mas têm as mesmas esperanças que nós”. Na terceira, a que se vive agora, diz-se: “Na Tunísia votaram nos islamitas. No Egito não é claro o papel da Irmandade Muçulmana. Na Líbia, a primeira mensagem do líder do Governo de transição é a imposição da *sharia*...” Estamos a recuar para a desconfiança.

■ Que impacto acha que terão os atentados no Iraque de dia 22 de dezembro nos processos políticos em curso pós-primavera árabe?

■ Estamos a olhar para a zona como um efeito de dominó, mas devemos olhá-la como um jogo de xadrez. O ponto que vai afetar a região é a Síria, porque o que se passa na Síria vai ter uma consequência direta na relação com o Irão e a divisão entre os xiitas e sunitas.

■ Escreveu que o resultado eleitoral, que deu 40% dos votos ao partido islamita “mostra que o país se libertou e que o Ocidente

já não controla a dinâmica da política interna tunisina”.

■ Queria dizer que o resultado eleitoral mostra que eles estão a mudar. Não temos de ser ingénuos, as dinâmicas são independentes, mas não quer dizer que não haja envolvimento estrangeiro. Temos de esperar para ver o que fará o novo Governo.

■ Escreveu que o Concelho Transitório líbio anunciou que estabelecerá a *sharia* e aceitará a poligamia para dizer ao país que ficou livre da influência ocidental. Esta é a mensagem mais importante para o povo líbio?

■ Sim, acho que é uma declaração importante. Quando se diz que se estabelece a *sharia* e se aceita a poligamia diz-se aos muçulmanos que estão livres e diz-se ao Ocidente “não estamos sob o vosso domínio”. Esta era a mensagem que o Ocidente queria: primeiro liberta-se o povo do ditador e depois deixa-se o povo decidir. Mas não me admiraria que uma declaração destas não tivesse sido só decidida por

“

Não me digam que basta mudar uma lei para alterar o estatuto da mulher na sociedade! É a questão da educação, de mudança de mentalidades, de mercado de trabalho... é preciso lidar com uma larga escala de dimensões quando se trata do nosso entendimento das questões. Não é mudando a lei que se muda a realidade

Neste momento, estamos num ponto que é o mais perigoso para todos nós, estamos em risco de polarizar o debate

Guantánamo ainda existe e os muçulmanos nos EUA ainda são muito facilmente conotados com terrorismo

Tripoli, mas também combina entre Washington e Paris.

■ Qual acha que deveria ser papel da Irmandade Muçulmana no futuro imediato do Egito uma vez que o Exército é ainda poder real?

■ Disse-o desde o início: o que se passa no Egito decorre da relação dos EUA com a parte de regime anterior que era contra Mubarak, mas a favor dos militares. O resultado eleitoral que deu à Irmandade Muçulmana a ganhar 40% dos votos e a liderar ao mesmo tempo que os integristas tiveram 24%, mostra que estes processos são complexos. Mostra até que ponto as manobras políticas são executadas fora de cena. Pode acontecer que a Irmandade Muçulmana fique apanhada e paralisada entre militares e integristas por um sistema que não é transparente.

■ Qual acha que são hoje as hipóteses das pessoas na rua, que foram tão importantes para todo este processo no Egito?

■ Eu estou do lado delas! Não estou ao lado dos que estão a trabalhar com o sistema e até com o Exército. Acho que os manifestantes estão certos, compreendem a situação e sabem que o Exército deve sair. Acho também que é um momento muito crítico que depende da coragem das pessoas, se elas estão, ou não, decididas a ir tão longe como os sírios contra o inaceitável. Infelizmente, uma quantidade de manifestantes que lá estavam no início já desapareceu.

■ A estabilização destes processos terá de passar pela construção de relações económicas e de fim das suas políticas externas. Disse que o Ocidente não tem tempo a perder na corrida “para ganhar as mentes, corações e dinheiro árabe”.

■ Temos de parar de falar exclusivamente em política e começar a falar de geoestratégia e de economia. Os novos parceiros — África do Sul, Brasil, China —, estão a ter um papel muito importante. É um disparate falar de processos democráticos sem falar de estabilidade económica e de justiça. É isto que interessa! As pessoas que estão a protestar no Ocidente pode ser que tenham democracia... mas não têm justiça



Tariq Ramadan abordará os desafios aos muçulmanos na Europa na conferência em Lisboa FOTO STEPHANE MAHE/REUTERS